



## O CALOR DESCORTINANDO PAISAGENS: UM “OLHAR” SOBRE A CIDADE DE TERESINA-PI

**Carlos Sait Pereira de Andrade**

Professor Doutor dos cursos de Graduação e Mestrado em Geografia da UFPI. Diretor do Centro de Ciências Humanas e Letras.  
E-mail: carlossait@ufpi.edu.br

### RESUMO

Esse trabalho partiu de uma pesquisa realizada entre 1997 e 2000 para a elaboração de dissertação de mestrado em geografia do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco. Este trabalho tem por objetivo discutir o espaço da cidade de Teresina-PI a partir de suas paisagens, mediadas pelo calor. Num primeiro momento propõe-se discutir a cidade sob o olhar da temperatura para, em seguida, discuti-la a partir da perspectiva de suas paisagens e representações - das mesmas - como espaços de amenidade ou espaços de “superação” do calor.

**Palavras-chave:** Paisagem. Calor. Teresina.

### Abstract

*This study is based on a research carried out between 1997 and 2000, in order to elaborate the dissertation on Geography, at the Department of Geographic Sciences, of the Federal University of Pernambuco. This study aims at discussing about the space of the city of Teresina-Pi, considering, firstly, its landscapes affected by the heat and, secondly, its landscapes and representations as spaces for overcoming the heat.*

**Keyword:** Landscape. Heat. Teresina.

### 1 A CIDADE DE TERESINA SOB O OLHAR DA TEMPERATURA E DO CALOR

Temperatura e calor são duas expressões que estão colocadas no cotidiano da população e da mídia teresinense e, ao mesmo tempo, são duas importantes situações, reais, intensamente vividas pelos moradores da cidade. Juntamente à precipitação, a temperatura corresponde a um dos elementos que possivelmente mais instiga a discussão e que mais provoca curiosidade

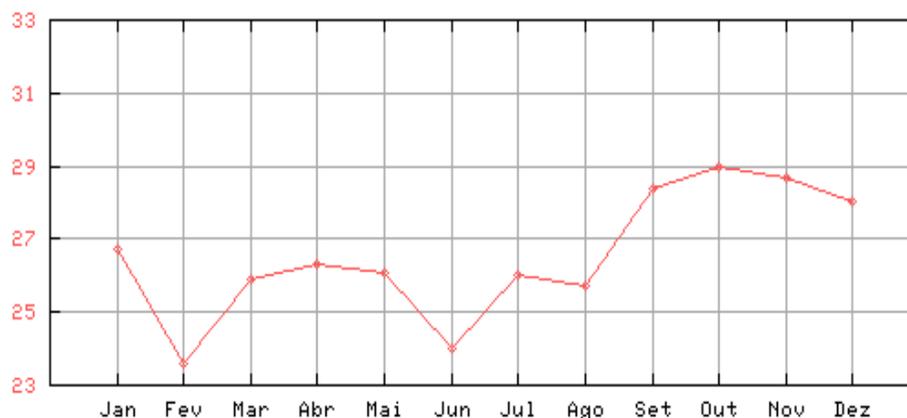
na obtenção de um maior conhecimento das condições climáticas de um lugar. A temperatura do ar, como condição produtora de calor, exerce influência nos costumes, na cultura e, conseqüentemente, nas paisagens. Assim, compreender como se comporta a temperatura do ar ao longo do ano em Teresina é, também, oportunizar o conhecimento de como a população vive e experiêcia a cidade.

A temperatura do ar deve ser compreendida como o resultado da combinação de fatores naturais que possibilitam a sua existência e variação no tempo e no espaço, tais como: a natureza da superfície; a latitude; a quantidade de insolação recebida; o relevo; ventos recebidos; e, enfim, todas as características naturais do espaço local associadas àquelas que determinam as condições do clima global.

Quanto à sua manifestação em Teresina, em princípio, podem ser feitas algumas considerações: primeiro, devido à posição latitudinal e à distância que está do oceano, não possui Teresina grandes variações nas médias térmicas ao longo do ano. A baixa latitude possibilita uma grande incidência de radiação durante o dia. A duração das horas com luz solar não varia muito no tempo. Apesar da relativa uniformidade no comportamento da radiação solar em Teresina, é importante salientar que as temperaturas registradas não são tão uniformes como aparentam. Existe uma época do ano em que as temperaturas registradas e, conseqüentemente, o calor sentido pela população revela-se como as maiores do ano. Esse “pico” é conhecido popularmente como a época do “b-r-o-bró”, (setembro, outubro, novembro e dezembro), meses que consensualmente são conhecidos como os de maior calor.

De acordo com o Gráfico 1 se pode observar uma significativa variação de temperatura entre janeiro e dezembro. No primeiro semestre do ano são registradas médias térmicas abaixo de 27°C, portanto bem inferiores às de aproximadamente 29°C dos meses de setembro a novembro.

**Gráfico 1 – Temperatura Média (°C) em Teresina no Período 1961-1990**



Fonte: INMET (2003).

Esta realidade térmica, e assim, o calor tem sido, historicamente, uma temática representada pelos moradores da cidade através de poemas, crônicas, contos, bem como na comunicação informal diária. Estas manifestações se intensificaram a partir das últimas décadas, coincidindo com o pico do crescimento da cidade. No entanto, não se pretende, com isso, justificar que Teresina é quente devido apenas aos aspectos físicos construídos pelo homem. O que se busca é apontar para o fato de que Teresina, sendo constituída por uma variedade de formas espaciais, e portanto, por várias paisagens, encontra-se nelas condições de diferenciação quanto ao conforto térmico.

Compreender o calor na dimensão da cidade sugere que se busque o conhecimento da conjugação construção humana *versus* natureza. Por exemplo, as feições do relevo influenciaram o plano de estruturação da cidade, já que ela cresceu, no princípio, obedecendo às características naturais do sítio e, portanto, da configuração do relevo. Este, por sua vez, constitui-se em um importante fator influenciador nas condições de temperatura, e, portanto, do calor. Assim, a cidade, no seu processo de construção, vai adquirindo uma relação íntima com a natureza.

Em Teresina, o traçado urbano deveria estar organizado a partir da realidade climática. A forma das ruas e avenidas é muito importante como

determinante da situação de conforto, sendo esta uma preocupação que já havia desde as primeiras décadas deste século. Em sua tese de doutorado sobre os projetos de modernização da cidade de Teresina, no final dos anos 30 e primeira metade da década de 1940, Nascimento (1999) observa várias passagens em que os interventores se preocupavam com a arborização das ruas devido às condições do clima.

Para o Diretor de Obras do Município, um aspecto negativo do “Plano Saraiva”<sup>1</sup> é o pequeno número de espaços vazios que a cidade possui, ou seja, espaços destinados à construção de praças, parques etc (NASCIMENTO, 1999). Ainda segundo este autor:

No início dos anos quarenta, Pires Chaves, avaliando a zona urbana de Teresina, determinou que cerca de 3.000.000 m<sup>2</sup> aproximadamente [...] constituíam o que chamou de espaço livre. Considera este número reduzido para uma cidade que possui clima com temperatura média de 28° C (NASCIMENTO, 1999, p. 125).

É certo que Pires Chaves tinha, também, outras preocupações como o projeto de higienização da cidade. Entretanto, já existia uma consciência do calor na cidade e da necessidade de se construir espaços livres públicos que fossem mais agradáveis do ponto de vista do conforto. Esta é uma preocupação pertinente, pois a rua, segundo Mascaró (1996, p. 89), constitui-se como:

O espaço urbano de uso público que tem como função organizar e relacionar os fatos arquitetônicos na trama urbana. Constitui o marco da arquitetura, proporciona ar e luz ao espaço urbano e aos edifícios, produzindo microclimas que influenciam sobre a insolação, os ventos, a temperatura, a umidade do clima local e no consumo de energia de seus edifícios.

É por isso que, no processo de construção das ruas e avenidas, devem ser levados em consideração a direção dos ventos, a insolação e outros elementos da natureza. Quando se orienta a construção das ruas, a partir da

---

<sup>1</sup> Plano Saraiva foi o primeiro plano da cidade de Teresina e o de sua criação.

realidade do clima local, como a direção dos ventos, pode-se obter condições de maior aprazibilidade no interior de uma cidade ou mesmo de uma edificação. No caso de Teresina, uma cidade que possui altas temperaturas, esta prática imprimiria uma condição de conforto produzida pelo alívio do calor, a partir da circulação do vento em corredores.

O conhecimento dos espaços livres públicos em Teresina, como as ruas e as avenidas, as praças e os parques tornam-se importante nesta análise. Esses espaços caracterizam-se como elementos de lazer, circulação e sensação de liberdade, e têm, ainda, para Teresina, a função de amenizar o calor. Espaços livres são considerados aqui como as "[...] áreas não edificadas, podendo receber pavimentação ou alguns componentes construídos de apoio, essenciais, esparsamente distribuídos, além de cobertura vegetal em um ou vários estratos" (PCR, 1996, p. 1).

São exemplos de espaços livres os parques ambientais e de lazer, praças, jardins, ruas, estacionamentos, campos de "pelada", margens de rios, cemitérios, jardins botânicos, zoológicos, reservas e lagoas.

Em Teresina, a existência dos espaços livres arborizados está associado a importância que possuem frente às condições térmicas existentes. A cidade, com suas elevadas temperaturas necessitam muito da presença de árvores, tanto pela produção de sombras quanto pela possibilidade de um maior controle sobre os problemas gerados pela grande radiação solar e, conseqüentemente, pela temperatura do ar. Sobre essa questão Mascaró (1996, p. 69) afirma que:

A planta poderá obstruir ou filtrar a radiação incidente e refletida. A obstrução se caracteriza pelo bloqueio da radiação, sendo proporcional à sua absorção. A filtragem se caracteriza pela interceptação parcial da radiação. A interação desses efeitos relacionados às características de cada espécie determina a influência da vegetação nas características climáticas do ambiente construído.

O controle da radiação solar feito pelas plantas é de vital importância para Teresina, onde a radiação atua intensamente, produzindo elevadas

temperaturas. Sobre esta questão, Mascaró (1996, p. 77) diz ainda que “[...] sob grupamentos arbóreos, a temperatura do ar é de 3°C a 4°C menor que nas áreas expostas à radiação solar”.

Este dado evidencia a importância do verde para Teresina, a necessidade de ampliação dos projetos de arborização de espaços livres públicos e, ainda, um levantamento sobre as cotas de áreas verdes existentes no município para que o poder público municipal possa, de fato, exercer um controle maior sobre o presente e futuro da vegetação em Teresina.

Ainda sobre os espaços livres, merece atenção, também, o tipo de pavimentação das ruas e avenidas do centro de Teresina que são, quase que na sua totalidade, construídas com asfalto, enquanto nos bairros predomina a pavimentação em pedras poliédricas. Estes dados são muito importantes nesta análise porque, em combinação com o verde existente, propiciam uma situação diferenciada de conforto térmico. Esta discussão já é histórica em Teresina, apesar de que nem sempre esteve bem esclarecida para a maioria da população.

Em 1969, quando estava sendo elaborado o Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina muitas matérias foram veiculadas na imprensa local sobre o assunto. Quanto aos cuidados com a pavimentação, que sugeria o plano, a população não entendia, pois tinha o desejo de ver a sua cidade coberta por asfalto. Trechos de uma matéria de jornal revelam essa situação:

Vi o plano de asfaltamento da cidade, preparado com base nas opiniões de um Sr. Climatólogo, cujo nome não chegou a ser citado. Não acredito para início de conversa, que esse homem seja climatólogo, um técnico entendido em climatologia. [...] Em resumo ele defende o seguinte: todo o perímetro central deve ser calçado com pedra bruta ou paralelepípedo. Revestimento asfáltico só nos bairros, na zona suburbana. Por quê? porque o asfalto no centro da cidade virá aumentar o calor dos “brós”. Esta a teoria do notável técnico: asfalto faz aumentar o calor. Não acredito que o Coronel Jofre tenha aceito este plano estapafúrdio (UM CLIMATÓLOGO [...]), 1969, s.p.).

Hoje, está mais claro para a população o preço que paga pelo desejo de cidade asfaltada, pois os maiores impactos do calor são registrados comumente em áreas cobertas com pavimentação asfáltica e de concreto, posto que são exatamente nessas onde ocorrem as maiores temperaturas devido às propriedades térmicas que possuem.

Enfim, o calor corresponde a um elemento marcante na vida da cidade e a forma como é representado dá-se de maneira especial e espontânea no dia-a-dia de seus moradores. O calor sentido e vivido é, talvez, uma das principais marcas do povo teresinense.

## **TERESINA E AS PAISAGENS DO CONFORTO**

O conceito de paisagem tem sido intensamente explorado na Geografia, ao longo do processo de produção e evolução de seu conhecimento, inscrevendo-se, assim, como um dos conceitos espaciais que a fundam como ciência.

A expressão paisagem que possui uma variedade de emprego, do ponto de vista linguístico, assume significados diferenciados de acordo com o contexto histórico e com a área do conhecimento em que está sendo empregada. Do senso comum às mais diversas áreas do conhecimento pode ser constatado o emprego desta expressão. Entretanto, é a partir dos “aspectos fisionômicos”, ou seja, do recorte espacial e dos atributos que a vista alcança, que mais comumente tem-se reconhecido uma paisagem.

Nessa perspectiva, a natureza ou a materialidade do espaço, por si só, não se configura como paisagem. Esta é concebida como um fragmento do espaço que os olhos abarcam e que podem remeter ao observador por meio da dimensão estética, a existência do belo, assim a interferência do sujeito passa a ser fundamental na captura da mesma. Segundo Meneses (2002, s.p),

Não há paisagem sem um observador. A percepção visual é [...] uma condição fundamental para a existência cultural da paisagem. [...]. A paisagem, portanto, deve ser considerada como objeto de apropriação estética, sensorial. [Conseqüentemente] não se pode negar que ela tenha uma natureza objetiva, que seja um objeto. É sem dúvida, uma forma, mas não se define por esse caminho. É material, real que se dá à percepção.

Sobre esta maneira de conceber a paisagem, através do exercício visual, Claval (1997, p. 99) diz que

o olhar que os homens projetam sobre o ambiente obteve a atenção dos geógrafos, uma vez que é ele que permite estruturar o espaço, de opor o próximo ao distante, de distinguir planos escalonares e perceber a realidade em múltiplas escalas - é sobre esta propriedade que se baseia toda a orientação geográfica.

Assim, pode-se afirmar que a visão é um sentido fundamental na captura da paisagem, já que esta produz no sujeito, através da experiência com a natureza e a sociedade, sensação de emoção, de segurança e insegurança e, enfim, uma maior interação com o espaço. Interação esta, marcada pela cultura e experiências que são inerentes a cada povo, a cada cultura e a cada fração de espaço.

Contudo, outros sentidos são também importantes na captura da paisagem. Por isso, Tuan (1980) em "*Topofilia*" discorre sobre as maneiras como os homens percebem o meio ambiente através dos órgãos sensoriais. Para ele:

Os olhos obtêm informações muito mais precisas e detalhadas, sobre o meio ambiente, do que os ouvidos, mas geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo o que vemos. [...] O odor tem o poder de evocar lembranças vividas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas (TUAN, 1980, p. 10-11).

Isso justifica por que Tuan (1980, p. 12) afirma que "[...] um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos". O olhar, o cheiro, os sons e até o tato constituem formas de perceber o meio ambiente e participam com muito vigor na construção e representação de

paisagens. Representações essas que “fornecem malhas para apreender o real” e que “permitem superpor ao aqui e ao agora os algures, que são sociais, geográficos ou metafísicos” (CLAVAL, 1997, p.93).

No contexto da Geografia Cultural, valorizam-se as relações existentes entre o homem e a natureza, sendo que a paisagem aparece como uma criação da cultura, daí a explicação para o surgimento da expressão “paisagem cultural”. Nessa perspectiva Gomes (1997, p. 28) afirma que:

A investigação da paisagem cultural, no sentido de Schluter, ia além de uma simples observação e descrição das marcas humanas, buscando identificar e reconhecer a profundidade e interdependência dos fatores antrópicos, naturais e históricos, que finalmente poderiam conduzir para compreensão da paisagem.

Sem a pretensão de querer esgotar um tema complexo e importante para a ciência geográfica, vale ressaltar que são inúmeras e distintas as abordagens sobre o conceito de paisagem e, nesse trabalho, são reconhecidas aquelas formadas a partir da necessidade de superação do calor. Estas, pode-se dizer, são construções materiais que possuem funções definidas mas que estão também delineadas no imaginário dos moradores, como os espaços do conforto, da vivência cotidiana e que simbolizam de maneira mais geral a fisionomia da cidade. Isso pode ser conferido através das Fotografia 1 e 2, que ilustram esta realidade:

Partindo da ideia, de que a paisagem pode ser tanto uma entidade material quanto subjetiva e abstrata, definida a partir “de quem a colhe”, é que se busca analisar no espaço da cidade de Teresina aquelas – paisagens – que representam de maneira simbólica e concreta a possibilidade de amenização dos efeitos da temperatura local.

As paisagens de uma cidade podem ser resultantes da cotidianidade estabelecida entre o homem e seu meio e, por isso, podem ser capturadas a partir das “marcas e dos sinais” que estão impressos e dispersos em todos os

“lugares”. Essas “marcas e sinais” configuram-se como signos<sup>2</sup> que informam e fazem o observador criar imagens.

**Fotografia 1 - Vista panorâmica do centro de Teresina com evidência na paisagem do verde e produção de conforto térmico através das sombras**



Fonte: Andrade (1998).

**Fotografia 2 – Pça Marechal Deodoro, Centro de Teresina**



A presença do verde é marcante, criando uma paisagem típica da cidade.  
Fonte: Andrade (1998).

---

<sup>2</sup> Signo - Unidade linguística que tem significante e significado. Signo linguístico, conforme Saussure (1996).

Em Teresina, essas imagens apontam para a formação de paisagens que, aqui, são definidas pelos critérios associados ao calor existente na cidade. Os *out-doors*, os letreiros, os termômetros nas praças e avenidas e ainda o verde indicam, através de seus conteúdos signícos, a forte expressividade desses elementos com as características climáticas e com o calor de Teresina (Fotografias 3 e 4).

**Fotografia 3 – Pça Rio Branco, Centro de Teresina**



Importância do verde como elemento amenizador da temperatura.  
Fotografia tirada às 9:00 horas, mês de outubro, pico do calor na cidade.  
Fonte: Andrade (1998).

**Fotografia 4 – Av. Frei Serafim, Centro de Teresina**



A ausência de vegetação e a realidade térmica nesses espaços.  
Fotografia tirada às 15:00 horas, mês de outubro.  
Fonte: Andrade (1998).

Capturar as paisagens determinadas com base nos elementos supracitados não constitui uma tarefa muito difícil, pois estão espalhados por toda a cidade, espelhando imagens e definindo paisagens. Na verdade, a definição de paisagens acontece, quase sempre, a partir da intencionalidade e dos filtros psicológicos do sujeito que as está definindo, por isso os critérios são pessoais.

Os espaços da cidade descortinados sob o “olhar” do observador que está direcionado para os elementos da natureza física e para a amenidade climática que possuem ganham existência e *status* de paisagens, e que inseridas no imaginário dos moradores da cidade e representadas como os espaços do conforto que produzem, se constituem numa das mais importantes marcas caracterizadoras da cidade. As Fotografias 5 e 6 revelam como os elementos amenizadores da temperatura são importantes no contexto da vida cotidiana dos moradores da cidade:

**Fotografia 5 – Vista aérea da Av Frei Serafim (Centro de Teresina. W → E)**



Fonte: Andrade (1998).

**Fotografia 6 – Avenida Frei Serafim**



A vegetação e fontes luminosas são marcantes em quase toda a avenida criando espaços e paisagens de amenidades climáticas.

Fonte: Andrade (1998).

É desta maneira que as ruas, avenidas, parques, praças e, enfim, todos os espaços arborizados de Teresina, e mais aqueles que, de alguma forma, se propõem a reduzir os efeitos do calor são aqui vislumbrados (Fotografias 7 e 8).

**Fotografia 7 – Av. Santos Dumont – Zona Norte da Cidade**



Exemplo de paisagem associada à arborização de ruas e avenidas.

Fonte: Andrade (1998).

### Fotografia 8– Arborização de ruas e jardins na Zona Leste de Teresina



Fonte: Andrade (1998).

Assim, o recorte de paisagens está vinculado àquelas que, dotadas de uma determinada materialidade, possuem, em primeira instância, a função ou o propósito de superação do calor através de seus atributos, como o sombreamento produzido pelo verde implantado em cada paisagem.

A necessidade de superação dos efeitos provocados pelo calor faz de Teresina uma cidade marcada por diferentes paisagens, mas em parte, imbuídas de uma finalidade comum, que é a produção do conforto térmico. A vegetação, mais presente nos jardins e quintais dos moradores da cidade, revela, de acordo com pesquisa levantada nos jornais locais de 1969 a 1999, a necessidade que estes têm de sombra.

Vale ressaltar que as tentativas e vontade de amenização do calor em Teresina não se materializam apenas na implementação do verde, através dos projetos de arborização, mas também por meio de outros mecanismos, como intervenções na espacialidade da cidade que terminam por alterar as

formas urbanas já estabelecidas, determinando a criação de paisagens diferentes daquelas ligadas ao verde.

O calor e suas representações são tão vivenciados em Teresina que influenciam práticas por parte do poder público municipal, no sentido de promover e (re)criar espaços urbanos caracterizados pela amenidade de temperatura, definindo com isso novas paisagens no seio da cidade, como no caso da Rua Climatizada que se originou embrionariamente das ideias de candidatos ao cargo de prefeito de Teresina, como ilustra o texto seguinte:

Teresina é uma das cidades mais quentes do país e a temperatura pode atingir até 40 graus Celsius. O candidato do PMDB à Prefeitura Municipal, [...] está prometendo reduzir a temperatura na região do centro comercial de Teresina em até cinco graus Celsius. [...] Pela proposta [...] o centro comercial de Teresina precisa ter grande parte de sua extensão coberto. Dentro da área coberta, há um sistema de circulação d'água que em consequência do choque térmico com a cobertura atingida pelos raios do sol cria uma névoa. O processo de nebulização reduziria a temperatura da área coberta [...] (UM CLIMATÓLOGO [...], 1996, p.3).

Esta proposta foi posteriormente contemplada num programa de governo em que se privilegiou, no âmbito do discurso e de algumas práticas, uma série de medidas intervencionistas no centro da cidade, dentre elas a construção de um teto num trecho da Rua Elizeu Martins, no centro da cidade, como também a instalação de um sistema de nebulização capaz de produzir condições de maior aprazibilidade no local através da redução da temperatura.

A rua climatizada (Fotografias 9 e 10), como é chamada, faz parte de um projeto piloto, experimental, inserido num projeto maior que era o de cobrir as principais ruas do comércio central para assim possibilitar aos transeuntes maior condição de conforto produzido pelo sombreamento dos tetos postos nas ruas.

**Fotografia 9 - Rua Climatizada no Centro de Teresina**



Fonte: Andrade (1998).

**Fotografia 10 - Interior da rua climatizada e usuários**



Fonte: Andrade (1998).

A denominada rua caracterizou-se, na prática, como um exemplo de transformação das formas espaciais urbanas pré-existente em prol da necessidade de conforto para Teresina, ou pelo menos foi desenvolvida com este discurso. Segundo técnicos responsáveis pela obra, a temperatura ambiente poderia ser reduzida em até 14 graus centígrados.

Por fim, vale enfatizar que, em Teresina, o calor desencadeia práticas de transformação do espaço no interior da cidade, possibilitando, assim, novos usos, devido à nova funcionalidade ligada à produção do conforto.

## **CONCLUSÃO**

Finalizar um trabalho que tem a proposta de estudar as paisagens de uma cidade e à luz de uma proposta inscrita na Geografia Cultural é, sem dúvida, muito inquietante, porque supõe recortar alguns pontos para fechamento, quando, na verdade, existem inúmeros horizontes e ângulos em aberto para análise e discussão. Neste caso, as paisagens capturadas e representadas aqui como aquelas capazes de atenuarem os efeitos do calor produzido na cidade, são resultantes de "filtros" pessoais fundados nas representações sociais cotidianas do calor pelos moradores da cidade.

O que se pode concluir através desta pesquisa é que Teresina está muito longe de resolver seus problemas térmicos. No entanto, as paisagens representadas pelo verde público e privadas, e principalmente no último caso, revelam que a vegetação e, especialmente, aquela fruto de projetos de arborização, tem funcionalidade primeira ligada às necessidades de sombras e, portanto, de superação do calor.

Assim, as práticas culturais que vão sendo historicamente desenvolvidas na cidade criam e (re)criam paisagens que só um "olhar" atento é capaz de visualizar, através das mesmas, o trabalho de um povo, que na busca incessante de produzir um ambiente com mais qualidade de vida através do conforto térmico, associa natureza aos aspectos construídos pelo homem. Isso é o que está revelado nas paisagens criadas pela floração do ipê-amarelo,

ipê-rosa, ipê-branco, caneleiro, sibipiruna e o flanboyant, para não citar todos que são representativos e mais expressivos na estação do calor ou “estação do calor e das cores em Teresina.”

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Sait Pereira de. **10 fotografias color**. Teresina, 1998.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. *In*: CASTRO, Iná Elias de., et al. **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GOMES, Edvânia T. de Aguiar. **Recortes de paisagens na cidade do Recife: uma abordagem geográfica**. São Paulo, 1997.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA – INMET, **Temperatura Média (°C) em Teresina no Período 1961-1990**, 2003. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br>.

MASCARÓ, Lúcia. **Ambiência urbana**. Porto Alegre: Sagra, 1996.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A Paisagem como fato cultural. *In*: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

NASCIMENTO, F. Alcides. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Recife, 1999. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

PCR. Secretaria de Planejamento Urbano e Ambiental. **Cadastro de parques, praças e refúgios da cidade do Recife**. Recife, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini et al. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo, 1980.

UM CLIMATÓLOGO das arábias. **O DIA**. Teresina, n.12,13 out. 1969.